

A VIDA DO ISSO CONVERSAS E CORRESPONDÊNCIAS ENTRE FREUD, GRODDECK E HENRY.

Karin Hellen Kepler Wondracek (*)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O título quer desdobrar-se em sentidos: apresento *conversas*, no sentido de preservar um modo coloquial de abordá-lo, resgatando o sentido informal do evento que nos inspira. E trago *correspondências* em duplo sentido: investigar o que corresponde entre os três pensadores, e trazer suas cartas, trocadas intensamente. Freud e Groddeck se corresponderam por muitos anos, e quero colocar Henry em diálogo com eles, pois de seus textos podemos extrair como que conversas que reajam aos pensamentos de ambos. Num primeiro momento, colocarei os antecedentes teóricos, no intuito de tornar mais compreensível as correspondências que queremos apontar.

Este tom coloquial também é o mais coerente ao atual estágio das investigações, que nesse momento consistem num levantamento bibliográfico parcial, seguindo uma intuição de que se pode tecer relações entre os conceitos de Id, Isso e Vida. A primeira aproximação precisa ser leve, tal como uma troca de cartas o é. Nisso aplico ao atual momento a recomendação de Freud expressa no início de *O Eu e o Id*, de que a ideias embrionárias não se coloca crivo severo, mas que é preciso “primeiro deixar-lhes vô livre, mantendo perante elas uma atitude de benevolente curiosidade, como que observando até onde chegam em sua amplitude”¹.

Então peço-lhes essa atitude de curiosidade benevolente para com os primeiros alcances do meu vô. Para manter o estilo de correspondência, apresentarei trechos do próprio punho dos autores.

1. Primeiro vô livre: a virada teórica freudiana – o Eu e o Id

Minha reflexão tem seu primeiro ponto de apoio na pesquisa de doutoramento² na qual analisamos a relação fenomenologia da Vida-psicanálise. Vimos que as críticas de Henry à influência da genealogia do pensamento ocidental são pertinentes à teorização da metapsicologia freudiana, escritos entre 1910 e 1920. Ali o inconsciente freudiano foi definido em relação ao conceito de consciente da filosofia ocidental, que tem na representação o seu eixo. No entanto, ali também já está o germe de um outro modo de conceber o inconsciente, baseado no recalque originário, que simultaneamente inaugura o inconsciente enquanto fixa nesse os primeiros elementos da pulsão, elementos esses marcados pelo corporal e autoerótico³. Ou seja, apesar de privilegiar a representabilidade, Freud marcava um momento primordial, movimento constitutivo do psiquismo, ligado à experiência corporal. Isto se torna importante para nosso atual percurso de rastrear nas entrelinhas psicanalíticas um outro modo de conceber o psiquismo, um modo que se abra para os aspectos irrepresentáveis, ao que voltaremos adiante.

Defendemos na tese que as críticas de Henry não contemplam a modificação teórica que ocorreu com a criação, em 1923, da segunda tópica (Eu, Id, Supraeu). Nosso objetivo é fazer dialogar este momento teórico de Freud, nascido de suas insatisfações, com as limitações do conceito de inconsciente⁴. A questão central para Freud modificar sua teoria é que já não pode fazer corresponder recalcado com inconsciente, tendo em vista que no próprio Eu há partes recalçadas.

“Percebemos agora que uma parte do Eu *-uma parte sabe lá Deus quão importante do Eu-* pode ser Ics. E certamente é Ics. E esse Ics do Eu não é latente no sentido em que o Pcs o é. Se assim o fosse, o único meio de ativá-lo seria torná-lo consciente e, além disso, o próprio processo de torná-lo consciente não seria tão dificultoso. Assim, ao nos encontrarmos agora diante da necessidade de admitir um terceiro Ics não recalcado, precisamos confessar que a característica de ser inconsciente acabou perdendo em importância. Ela passa a ser uma qualidade com muitos sentidos diferentes, *que não mais permite as conclusões abrangentes e excludentes que, para ela, imaginávamos*”⁵.

Destaco as últimas frases, que mostram a diminuição da importância do inconsciente, bem como a retirada de muitas conclusões *abrangentes e excludentes* imaginadas anteriormente, especialmente nos textos da metapsicologia. Para Freud, o Eu de 1923 tem uma parte submetida ao recalque e outra parte livre.

“É também desse Eu que procedem os recalques. Por meio deles, o Eu faz com que determinadas tendências psíquicas sejam excluídas, não só da consciência, mas também impedidas de se imporem ou agirem por outros meios. Ora, é exatamente com aquilo que o recalque pôs de lado que o Eu terá de se confrontar durante a análise. É, então, uma importante tarefa da análise vencer a resistência que o Eu tem a entrar em contato, tomar conhecimento e se ocupar do recalcado”⁶

Em seu texto, Freud prossegue na sua investigação sobre os modos de conhecer, e reconhece que o tornar-se representação serve, para muitos processos psíquicos que seguem o movimento de exteriorização, para tornar-se representação-palavra, mas que há processos que não obedecem a este pressuposto, como a dor⁷, e portanto, necessitam de outra explicação, para a qual titubeia na nomenclatura:

“Portanto, de forma resumida, embora não inteiramente correta, podemos falar de sensações inconscientes e manter a analogia com as representações inconscientes, *ainda que saibamos que essa analogia não se justifica totalmente* -pois, para trazer representações inconscientes à consciência, é necessário primeiro haver a formação de elementos de interligação, o que não ocorre com as sensações, as quais, como vimos, propagam-se diretamente”⁸

Há algo que se propaga diretamente, que não pode ser explicado pelo seu modelo anterior. Há algo que não se adapta às analogias vigentes, herdadas da filosofia ocidental de exposição à luz⁹. E para solucionar essa questão, Freud introduz conceitos do nosso terceiro personagem:

“Penso que nesse ponto será de grande valia seguirmos a sugestão de um autor, que em vão tem nos asseverado nada ter a ver com a ciência rigorosa e pura. Refiro-me a G. [Georg] Groddeck, que sempre enfatizou que aquilo que chamamos de nosso Eu se comporta durante nossa vida de forma essencialmente passiva e que -conforme expressão dele- nós somos “*vivid*os” por forças desconhecidas e incontroláveis. De fato, todos nós já tivemos a impressão de sermos “*vivid*os” por tais forças. Embora essa impressão não seja tão avassaladora a ponto de abandonarmos as concepções que temos a respeito dos recursos que nosso Eu é capaz de empregar, penso que não devemos hesitar em atribuir o devido valor a essa concepção de Groddeck e dar-lhe um lugar no conjunto da ciência”¹⁰

Somos *vivid*os por forças desconhecidas, somos assolados por algo que se propaga diretamente, à revelia das representações. Freud separa a partir daí em duas instâncias o que antes presumia ser uma:

“Proponho, assim, denominarmos este ente que provém do sistema P. e que inicialmente é Pcs, de o Eu [das Ich] e seguindo Groddeck, aquele outro psíquico, no qual o Eu se prolonga e que se comporta de forma Ics, de o Id [das Es]”¹¹.

Agora o eu já não é ligado à consciência, mas há uma parte dele que “se comporta de forma Ics”. O eu se prolonga para dentro do “outro psíquico”, passivo na sua essência, no qual somos vividos. É hora de nos aproximarmos do próprio autor de tal conceito, Georg Groddeck¹².

2. Segundo vôo livre: o Isso no qual somos vividos

Nossa intuição é que retornar a Groddeck e seu Isso¹³ nos ajudará não apenas no sentido genealógico e histórico, mas na busca dos fundamentos desse modo de, como expressou Freud, nosso Eu ter a *sensação passiva* de ser vivido. A busca do que é sempre presente e atuante está na base das trocas de cartas entre Freud e Groddeck. A primeira carta, de 27 de maio de 1917¹⁴, apresenta o Isso a Freud.

Nela Groddeck reconhece -com certa consternação- que seus achados não eram originais, mas já estavam nos escritos freudianos, e pergunta a Freud se pode ser aceito como analista, tendo em vista que pratica a análise também com pacientes com moléstias físicas, pois não faz diferença entre o orgânico e o psíquico. Justamente essa questão é pano de fundo para apresentar o seu Isso:

“A distinção entre corpo e alma é apenas uma diferença de nome e não de essência; que o corpo e a alma são alguma coisa de comum, que neles habita um *Isso, uma força pela qual somos vividos*, enquanto nós acreditamos viver. [...] A psicanálise, se bem entendo, trabalha no momento com o conceito de neurose. Contudo, presumo que também para o Sr., *por trás dessa palavra encontra-se a vida humana inteira*. O isso, que se encontra misteriosamente ligado à sexualidade, ao Eros, ou seja, lá que nome se queira dar-lhe, forma tanto o nariz quanto a mão do homem, assim como seus pensamento e seus sentimentos, manifesta-se tanto na pneumonia ou no câncer como neurose obsessiva ou histeria; e, assim como a atividade mais evidente do isso na forma de histeria ou neurose é objeto de tratamento psicanalítico, o é também a insuficiência cardíaca ou o câncer”¹⁵

Intuo aqui várias correspondências com a Vida de Henry:

- esta “força pela qual somos vividos, enquanto nós acreditamos viver” – remete à vida que nos vem na passibilidade, enquanto o ego está permeado pela sua ilusão transcendental¹⁶;
- o Isso é concebido como origem de todas as coisas, na imanência da qual tudo é doado: corpo, sentimentos e pensamentos, também doador dos vários conhecimentos que se pode ter de si e do Eu.

Com Henry, poderíamos traduzir que justamente a imanência é o lugar de toda doação, numa unidade comum que doa toda forma de vivo¹⁷. Se Groddeck diz que lá “encontra-se a vida humana inteira” -há um princípio organizador e gerador no Isso, o que nos traz uma correspondência com Henry, de que a Vida gera a vida e todas as suas particularidades, seja pensamento, palavra e ação.

Sigo com Groddeck:

“Não existem propriamente diferenças de essência que pudessem nos obrigar a tentar a psicanálise num caso e não no outro. No fundo, é a apenas uma questão prática, uma questão de avaliação pessoal o momento em que se deve parar com o tratamento psicanalítico. Uso o termo *tratamento*, porque não creio que a atividade do médico se estenda além do tratamento; *a cura não é ele que proporciona, mas exatamente o isso*”.

O Isso, portanto, não é apenas o reservatório de energia pulsional, mas uma instância com vida e direção, promotora da vida e da sua cura. Há uma racionalidade no Isso, que se expressa na unidade de corpo e psiquismo e dirige o processo de cura. O Isso groddeckiano será mais poderoso e sábio que o Id freudiano, para o qual será o Eu que terá esta última função.

Freud responde dez dias depois à primeira carta já chamando Groddeck de “Caro colega”, atestando seu pertencimento à psicanálise¹⁸. Interpreta o desejo de Groddeck de se diferenciar da psicanálise como desejo de reconhecimento e originalidade. Mas confessa que não tem como não lhe dar o atributo de psicanalista, pois ele, Groddeck, compreendeu “a essência das coisas sem possibilidade de perdê-la”. Em 1917 Freud ainda faz coincidir o Isso de Groddeck com seu Ics, o que, como vimos antes, muda em 1923 quando reconhece uma diferenciação e a insuficiência dos seus conceitos.

3. A primeira curiosidade benevolente: o corpo do Isso e a roupa do inconsciente

Em 1921 Freud começa a reformular sua teoria, utilizando o Isso de Groddeck:

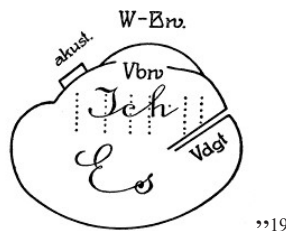
“Viena, 17.4.1921

Caro Doutor,

É domingo e para mim é dia de festa, para responder à sua carta.

[...] Para falar de coisas mais sérias: Compreendo muito bem por que o ics não lhe satisfaz, e acha o id indispensável. Acontece o mesmo comigo, só que tenho um talento especial para a satisfação fragmentária. Pois *o inconsciente é apenas algo de fenomenal, uma característica na falta de um melhor conhecimento; como se eu dissesse: o senhor de havelock, cujo rosto não posso distinguir claramente. O que é que eu faço quando ele aparecer sem essa peça de vestuário?* É por isso que há tempos recomendo ao meu círculo íntimo não pôr em oposição o ics e pcs, mas um ego coerente e uma coisa recalcada que é separada disso. Entretanto, isso também não resolve a dificuldade. O ego, em suas profundezas, é também profundamente inconsciente e, ainda assim, se confunde com o núcleo daquilo que é recalcado. Parece, portanto, que a ideia correta é que as articulações e as diferenciações que observamos só possuem valor nas camadas relativamente superficiais, não o têm em profundidade, para a qual o seu “isso” seria a designação correta.

Mais ou menos assim:



Freud fenomenólogo: O inconsciente já não é o derivado do conceito de consciente dos filósofos, mas dos fenômenos observados. Estes ultrapassam o conceito: o inconsciente é o conceito-roupa de algo maior do que ele, mas é a designação possível nesse momento, para Freud. Nesse sentido, uma provisoriamente é admitida.

Nesse momento acontece maior aproximação entre ambos: o Isso de Groddeck serviria para as camadas mais profundas; o inconsciente de Freud seria a roupagem mais conhecida e corresponde a um reconhecimento que permite uma visualização desses processos. Para ambos, o Eu é posterior, nascido da relação com o Isso. Como expressa Groddeck:

“Existe um eu? O sentimento de ser um eu todos têm, mas este sentimento não prova nada quanto à veracidade do eu. Há muitos anos uso para essa finalidade o termo “Isso”. Eduquei-me a pensar: *Sou levado a viver por um Isso, em vez de “eu vivo”*”²⁰.

Perto do ano de nascimento de Henry, Groddeck anuncia uma espécie de ilusão transcendental do eu; é como se Henry lhe correspondesse, anos depois:

“Sim, pode-se muito bem supor que essa força misteriosa, este algo, este isso, inventou a palavra e o conceito “eu”, persegue e também alcança com isso determinadas finalidades, que ele entontece o homem, que lhe dá uma sensação de eu, sem a qual ele não pode ser homem”²¹.

Também a questão do olhar, já tão preciosa a Descartes, comparece para a discussão: “Não é o olho que vê -Não vemos aquilo que o olho abrange, vemos somente o que o isso nos permite ver, o que ele não recalca”²².

Para Groddeck, é o Isso que age no recalçamento, no que também pode ser aproximado a Henry, que expressa que é a vida que opera o recalçamento²³

4. A segunda curiosidade benevolente: recalque do Eu ou do Isso?

No seu texto sobre “A questão da repressão”, Henry entra em diálogo com Freud e parece trazer-lhe argumentos novos para avançar na sua insatisfação com o conceito de inconsciente: De que modo o Eu excluí tendências psíquicas da consciência, se estas nem ainda chegaram a ela, se estas nem se transformaram em representações? Henry pergunta se não está vigente aqui uma outra forma de conhecimento, alheia à posição “diante de” da representação²⁴. Não será esta uma contribuição para compreender o que Freud aponta com “se imporem ou agirem por outros meios?”. Henry ajudaria os psicanalistas a clarear os outros meios pelos quais tendências psíquicas são excluídas? E também para que sejam incluídas? Ou seja, aqui fenomenologia da Vida e psicanálise podem dialogar para promover mais recursos de acesso ao excluído. Como expressa Henry, já não é uma questão filosófica, mas fenomenológica que aqui se apresenta²⁵. E a psicanálise, que aprendeu com Freud a se tornar atenta aos fenômenos da clínica, aguçará sua atenção com as palavras de Henry, que aponta duas exigências para esse tipo de conhecimento não representacional:

- que esse tipo de conhecimento seja também um poder, “uma força que a domine como o princípio que dirige e organiza, ou como o que, de algum modo, a prescreve desenvolver-se ou lhe o proíbe, fazendo da representação algo secundário ou dependente”²⁶;
- “esse conhecimento que não possui em si a estrutura oposicional da representação é precisamente o que nos deve dar acesso à representação, esse conhecimento define um saber prévio a toda representação que, conhecendo-a antes que ela se forme, decide por si sobre sua formação, decide fazê-la efetiva ou, pelo contrário, excluí-la”²⁷.

Henry expressa que este tipo de conhecimento é o da vida, modo pelo qual ela se conhece a si mesma -“entendo aqui a vida transcendental que define nosso ser verdadeiro, nossa subjetividade absoluta”²⁸.

Na questão do recalque podemos tecer uma aproximação entre a posição de Henry e a de Groddeck. Para este, é o Isso que opera o recalque, levando em conta a capacidade do Eu de assimilar os conteúdos internos. Ou seja, também para Groddeck há um outro modo de conhecer, modo mais profundo e que não precisa passar pela representabilidade.

5. Primeira observação da amplitude: estabelecendo pontes em busca do “sempre presente e sempre atuante”.

Pelo percorrido, vimos que a correspondência entre Groddeck e Freud não serve apenas para ser colocada num museu de curiosidades sobre os primórdios da psicanálise. Com Michel Henry – tanto na sua crítica da genealogia da psicanálise como na proposta de inversão fenomenológica – suas questões se tornam novamente candentes para a clínica.

Henry, em *Fenomenologia da comunidade*, justamente escreve que genealogia não deveria ser matéria apenas da história, mas sim de perscrutar até o fundamento, ou seja, até a doação da vida: “Mas a gênese terá apenas um alcance histórico, delimitando uma fase, justamente destinada a ser superada? Não será antes o retorno à Arquê, ao sempre presente e ao sempre atuante?”²⁹

Os três pensadores buscaram saber mais dessa força principal “sempre presente e atuante”. Nesse intuito de retorno ao originário, há diversos conceitos da *Fenomenologia da vida* de Henry que se podem colocar em diálogo com o Isso de Groddeck e com o Id de Freud:

- a passibilidade do sermos vividos;
- a ilusão transcendental do Ego de não sermos senhores na própria casa;
- o desejo da vida de permanecer anônima.

A este respeito, Groddeck se aproxima muito da afirmação de Henry a respeito do desejo da vida de permanecer anônima³⁰: “O fato de, apesar disso, elas não terem se tornado objeto da moderna pesquisa científica não está na dificuldade de tal pesquisa, mas no desejo de mistério do isso”³¹.

A partir disso, pode-se perguntar com Freud: Se há um desejo do Isso de desvestir-se das representações, não estaria coerente o receio freudiano de perdê-lo de vista sem a roupa do inconsciente, e ficar perdido no meio da vida anônima³²? Pois Freud confessa que isso seria muito pior do que manter uma roupagem inadequada... Mas justamente a retomada de Groddeck e sua crítica ao dualismo que separa mente-corpo, no sentido de encontrar a expressão dessa força originária no corpo, aproximado ao conceito de inversão fenomenológica de Henry para encontrar a vida que se revela na imanência, constituem possibilidades fecundas de levar adiante essa questão. Tanto mais que necessitamos das investigações henryanas e das provas de Groddeck sobre a eficácia de suas análises, para não ficarmos condicionados apenas a um modo de acesso ao que importa, a Vida.

6. Segunda observação da amplitude: quando Henry diz Isso

Ao concluirmos esse vôo, cabe a pergunta se as questões levadas por Henry à psicanálise ainda têm validade para a teoria freudiana depois de 1923, data do livro *O eu e o id*. Na nossa tese mostramos que, se no próprio Freud aconteceu uma mudança importante que já não privilegia a representabilidade, o lamento de Green de que essa mudança teórica foi “esquecida” pelos seus seguidores mostra que as críticas continuam relevantes, numa clara demonstração de que a herança cartesiana continua a ter seus efeitos³³. Mesmo que Freud tenha sido reticente com Groddeck, e apenas parcialmente absorvido suas ideias³⁴, está aqui um germe de abertura em direção a novas

considerações que já não privilegiam a representação, que buscam modos de alcançar o que se expressa como sensação, sem que se reduza o conceito dessa ao sensorio. Há uma experiência de si a caminho, em relação consigo e com o outro, em relação com o somático e o irrepresentável.

A teorização do Isso e do Id também trazem o paradigma da relacionalidade para dentro do psiquismo. Somos formados por instâncias em relação que a todo tempo se comunicam e se interpelam. Talvez não seja casualidade que justamente na última página da *Fenomenologia da comunidade* Henry se refira ao Isso:

“Naturalmente a essência da comunidade não é qualquer coisa que é mas Isso -não isto- que advém como incansável vinda a si da vida e assim de cada um em si. Esta vinda cumpre-se de múltiplas formas mas sempre consoante leis. Por exemplo ela não se cumpre primeiro a partir do futuro mas a partir da imediação, por consequência como um destino de pulsões e de afectos”³⁵.

O Isso pode ser traduzido como a “incansável vinda a si da vida”, de cada um em si. É o que nos constitui, é o que nos une num destino comum. E pode ser apercebido, sentido, captado empaticamente.

Para Christophe Dejours, a cooperação entre a fenomenologia e a psicanálise, depois de levantar vários problemas decisivos, “nos obriga a tomar uma consciência mais aguda dos pressupostos que até agora guiaram os trâmites dos grandes pensamentos do nosso tempo, em um domínio em que se decide a inteligência do que faz a humanidade do homem”³⁶.

Na humanidade do humano, no destino de pulsões e afetos: descobrir as leis da vida a si da vida nessa cooperação. Os três autores romperam com os limites dos pensamentos do seu tempo, e assim ampliaram a compreensão do humano. “Recuperar o humano” é uma das possibilidades fecundas da fenomenologia da Vida, segundo Florinda Martins³⁷. Nessa recuperação, tornamo--nos mais sensíveis para a vida, o que por sua vez nos levará a compreender melhor o alcance dos encontros terapêuticos, dados na intersubjetividade. Como expressam Antunez e Vendramel, Henry contribui para a compreensão do laço afetivo, “modo originário por meio do qual nos relacionamos com a alteridade e nos constituímos como sujeitos. A intersubjetividade, portanto, se estabelece no registro visível e invisível simultaneamente, no registro do duplo aparecer, fundada na afetividade e em registro de *pathos*”³⁸

“A vida é muito variada, e, mesmo que freqüentemente nos faça a gentileza de responder favoravelmente ao nosso método, não raramente também gosta de trocar de nossas artes. A vida não se guia por nossos métodos, e faremos melhor se guiarmos nossos métodos pela vida”³⁹.

Esta última recomendação de Groddeck antecipa um argumento da fenomenologia da vida! Por isso e por isso, o caminho da clínica passa pelo diálogo construído e a construir entre Freud, Groddeck e Henry.

REFERÊNCIAS

- DEJOURS, Cristophe (2014), “O corpo entre a psicanálise e a fenomenologia da vida”, in Antúnez, A. E. A.; Martins, F. & Ferreira, M. V. (orgs.), A fenomenologia da vida de Michel Henry: Interlocação entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta.
- FREUD, Sigmund (2004), O recalque. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund (2007), O eu e o id. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol III. Rio de Janeiro: Imago.
- GRODDECK, Georg (1994), O homem e seu isso. São Paulo: Perspectiva.
- GRODDECK, Georg (1997), O livro disso. 4.^a ed. São Paulo: Perspectiva.
- HENRY, M. (1998), Eu sou a verdade. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega.
- HENRY, M. (2001), Encarnação. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Círculo de Leitores.
- HENRY, Michel (2009), Genealogia da psicanálise: o começo perdido. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: UFPR.
- HENRY, Michel (2010), “El problema de la represión”, in Fenomenología de la vida. Tradução de Mario Lipsitz. Buenos Aires: Universidade Sarmiento/Prometeo, pp. 115-127.
- HENRY, Michel (2010), “Para una fenomenología de la comunidad”, in Fenomenología de la vida. Tradução de Mario Lipsitz. Buenos Aires: Universidade Sarmiento/Prometeo, pp. 149-165.
- MARTINS, Florinda (2002), Recuperar o humanismo: Para uma filosofia da alteridade em Michel Henry. Estoril: Principia.
- VENDRAMEL, Maristela; ANTUNEZ, Andrés (2013), “Intersubjetividade em Michel Henry: relação terapêutica”. Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XIX(1): 92-96, jan-jul, p. 95.
- WONDRACEK, Karin H. K. (200), Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica.

(Tese de doutorado). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia. Disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245.

(*) Escola Superior de Teologia – Rio Grande do Sul (Brasil) e Universidade de São Paulo (Brasil).

Postado em: “Humanística e Teologia”, vol. 35 N°2, pp. 115-127, 2014.

Notas al final

- 1.- FREUD, ([1923] 2007), O Eu e o Id, p. 27.
- 2.- WONDRACEK, K. (2010), Ser nascido na vida: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia. Orientadores: Prof. Dr. Enio R. Mueller e co-orientadores Prof. Dra. Florinda Martins e Prof. Dr. Carlos José Hernández.
- 3.- FREUD, ([1915] 2005), “O recalque”. In Escritos sobre a psicologia do inconsciente, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- 4.- FREUD, ([1923] 2007), Seção I de O Eu e o Id, intitulada “A consciência e o que é inconsciente”, pp. 28 a 32.
- 5.- FREUD, ([1923] 2007), p. 32.
- 6.- FREUD, ([1923] 2007), p. 31.
- 7.- FREUD, ([1923] 2007), p. 35.
- 8.- FREUD, ([1923] 2007), p. 36.
- 9.- HENRY, (2009).
- 10.- FREUD, ([1923] 2007), p. 36. Grifo de Freud.
- 11.- FREUD, ([1923] 2007), p. 36. O grifo é nosso
- 12.- Georg Groddeck (1866-1934). Médico dirigente do sanatório em Baden Baden, Alemanha, no qual recebia pacientes desenganados por outras abordagens médicas. Utilizava-se da interpretação psicanalítica para curar doenças físicas e obtinha êxitos surpreendentes. Foi por isso considerado o pai da psicossomática moderna. Foi discípulo de Schwenger, médico que se tornou famoso por curar Bismarck. Há uma interessante relação entre este médico e as críticas à fragmentação ocidental feita por Henry, especialmente em A barbárie: «Schwenger criticava o modelo médico que estava começando a tomar corpo, no final do século XIX, que preconizava uma medicina científica, com forte ênfase na doença. Para ele o médico não era cientista, mas, sim, um artista, um criador, preconizando, dessa forma, um tipo de entendimento da doença e da relação médico-paciente de modo bem diferente do que estava sendo praticado. [...] Groddeck, indo à frente do seu mestre, acreditava que não só o médico era um criador, mas que a própria doença era fruto de um processo criativo. Estes posicionamentos de Groddeck são interessantes, pois sua obra é toda sustentada pela hipótese da concepção monista, de que o orgânico e o psíquico seriam duas formas de uma mesma fonte: o Isso».
- In: <http://www.indepsi.cl/ferenczi/vinculaciones/groddeck/articulos/art-dest24por.htm> . Acesso em 30 mai. 2013.
- 13.- Manteremos, baseado nos textos pesquisados, a diferenciação entre Id, quando atribuído ao conceito de Freud, e Isso, quando atribuído a Groddeck.
- 14.- No início da carta Groddeck agradece a Freud pelo que o estudo dos textos proporcionara. E faz um mea culpa, pois em anos anteriores, sem conhecer direito psicanálise, havia externado severas críticas a ela. E chama sua mudança de “conversão”, proporcionada pelo tratamento de uma paciente em 1909, no qual trabalha com transferência e resistência – os pilares da análise freudiana – mesmo sem sabê-las pelo nome.
- 15.- GRODDECK a Freud, ([1917] 1994), p. 5
- 16.- HENRY, (1998), Eu sou a verdade. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, p. 137.
- 17.- HENRY, (2001), Encarnação. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Círculo de Leitores
- 18.- In GRODDECK, (1994), pp. 9-11. Alguns recortes da carta:
“Viena, 5.6.1917
Ilustríssimo colega:
Há muito tempo não recebia uma carta que me despertasse tanta alegria, tanto interesse e que me desse tanta vontade de, na resposta, substituir por uma sinceridade analítica a cortesia comum que é devida a estranhos. Quero, portanto, tentar: [...]». Ao final da carta, Freud critica a ambição de Groddeck querer reunir tudo num princípio espiritual, e sugere que se deixe a riqueza da diversidade: «Receio que o senhor seja um filósofo e que tenha a tendência monística a desdenhar todas as belas diferenças na natureza em troca do engodo da unidade. Estaremos assim nos livrando das diferenças?»
- 19.- FREUD a GRODDECK, in Groddeck, (1994), p. 33.
- 20.- GRODDECK, (1994), p. 189. O grifo é nosso.
- 21.- GRODDECK, (1994), p. 187.
- 22.- GRODDECK, (1994), p. 201.
- 23.- HENRY, (1987), “El problema de la represión”. In Fenomenología de la vida. Buenos Aires: Prometeo, 2010, p. 126ss.
- 24.- HENRY, (2010), p. 121.
- 25.- HENRY, (2010), p. 119.
- 26.- HENRY, (2010), p. 121.
- 27.- HENRY, (2010), p. 121.
- 28.- HENRY, (2010), p. 122.
- 29.- HENRY, Fenomenologia da comunidade. Tradução de Florinda Martins, não publicada, p. 28. Em espanhol: HENRY, (2010), p. 159
- 30.- HENRY, (2009), Genalogia da psicanálise: o começo perdido. Curitiba: UFPR, p. 44.
- 31.- GRODDECK, (1994), p. 199.
- 32.- FREUD, ([1923] 2007), p. 32.
- 33.- WONDRACEK, (2010), especialmente a seção 6.3.
- 34.- Freud a Pfister sobre Groddeck: “Groddeck decerto tem quatro quintos de razão quando atribui a doença orgânica ao id e talvez esteja certo também quanto ao resto” (nota rodapé 1994, p. 53).

35.- HENRY, (2010), p. 165.

36.- DEJOURS, C., (2014), “O corpo entre a psicanálise e a fenomenologia da vida”. In Antúnez, A. E. A.; Martins, F. & Ferreira, M. V. (orgs.), A fenomenologia da vida de Michel Henry: Interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta

37.- MARTINS, Florinda (2002), Recuperar o humanismo: Para uma filosofia da alteridade em Michel Henry. Estoril: Principia.

38.- VENDRAMEL, Maristela; ANTUNEZ, Andrés (2013), “Intersubjetividade em Michel Henry: relação terapêutica”. Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XIX(1): 92-96, jan-jul, p. 95.

39.- GRODDECK, (1994), p. 154.